



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

29 de Agosto de 1998 • Ano LV - N.º 1421
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



A beleza da nossa casa-mãe, de Paço de Sousa.

MOÇAMBIQUE

Trilogia que rasgou horizontes

UMA visita à nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa aviva e fortalece sempre as razões da nossa entrega às crianças abandonadas. Não que elas, aqui, cativem os estranhos; ou encantem pela sua compostura e delicadeza para quem chega. Bem longe e alheias andam disso.

São as construções robustas, é o granito afeiçoado que dá forma a estas casas e expressa simultaneamente a fortaleza inte-

rior de quem viveu dia-a-dia o levantar de paredes com a ânsia estuante de ter uma Casa adequada à educação da criança da rua.

Esta robustez mais se evidencia na trilogia que rasgou horizontes, desde o início, na educação dentro da Casa do Gaiato. «A Capela é o centro», como fonte que ressumo da solidez da fé para o crescer harmonioso de todos os que aqui habitam.

Para isso, a *casa-mãe*, com sua típica designação, onde avultam a cozinha e refeitório — o lugar das grandes confusões, como dizia Pai Américo. O lugar por isso mais apropriado à educação individual, ao viver em comunidade de entreajuda e partilha. Quantos dos mandões do mundo de hoje, que metem a mão avaramente nos países pobres, terão tido uma mesa cheia de irmãos, presidida pelo pai e pela mãe a impor moderação e respeito pelos Outros? Em nossas Casas é assim.

Do outro lado da Capela, a Escola — alimento para o espírito. O crescimento de um povo está definitivamente ligado ao saber e não ao espaço e suas riquezas naturais. Se em nossa Casa, mundo pequenino, vivemos isso como condicionante do futuro de cada rapaz, que dizer das nossas Casas de África! Que dizer da África toda, que está a ser, nas suas riquezas, maquiavelicamente delapidada por quem mais sabe?

Que terá pensado Pai Américo quando trocou o emprego chorudo, pelo convento franciscano? Que visão, sem limites, ele teve ao dar aos seus rapazes, estes três pilares de solidez granítica, como alicerces de libertação definitiva?!

Padre José Maria

BENGUELA

Testemunhos

SÃO tantas as fomes nesta terra que não têm conta. Também eu tenho fome de *matar* estas fomes. Ele é fome de pão e de tudo o que o pão representa; fome de remédios; fome de sabão para lavar o corpo e a roupa. A propósito, agradeço com um abraço muito amigo, a oferta de muito valor, de dez caixas de sabão, do senhor Amorim. Já começámos a dar de graça o que de graça recebemos. Mais: fome de instrução, de escolas e material escolar; fome de valores que dêem razão para trabalhar e viver; fome de chapas de *lusalite* ou outras para cobrir as casas de adobes; fome dum vida digna onde não falte tudo; fome de paz; fome de fraternidade dos que são ricos para com os pobres e miseráveis. Há, também, uma grande fome de Deus.

Hoje é domingo. Ao sair da Eucaristia, encontrei-me com três Religiosas espanholas recém-chegadas a Angola. Quis saber qual o tipo de trabalho em que consomem o seu tempo. Um missionário, creio, só o é na medida em que anuncia Jesus Cristo incarnado na vida do povo. Por isso, ouvi com muita alegria que o trabalho destas Religiosas estava muito voltado para a

chamada pastoral da criança, num dos bairros mais miseráveis desta zona. Quando se fala em criança, fala-se também da família. Que maravilha! Como esta gente tem fome de uma vida digna! Os jovens participam. O grande valor da fraternidade, adormecido, muitas vezes, por força das circunstâncias de violência, aparece com toda a beleza e todo o dinamismo quando alguém o desperta com seus gestos de doação gratuita. É assim com a acção destas Irmãs. A Igreja, deste modo, continua a ser a rocha e o refúgio seguro em que se pode confiar.

Outro testemunho belo é o das três jovens portuguesas, bem maduras, que decidiram dar uma parte da sua vida, em tempo, gratuitamente, voluntariamente, à promoção humana desta gente. Há uma atenção especial às mulheres, às mães. Elas são a grande

riqueza do povo. Quase não têm descanso para acudir a tanta fome de dignidade humana destas mulheres e mães. Bem hajam. O Evangelho tem de chegar, com urgência, à dimensão humana do povo. Pastoral da fé, sim. Pastoral da caridade, do serviço, da promoção humana, sim, também. Uma sem a outra não é pastoral da Igreja.

São tantos os Pobres que nos batem à porta que não sabemos, por vezes, o que fazer. Neste fim-de-semana pus as mãos na cabeça porque a farinha chegou ao fim. Muitos Pobres foram-se embora sem nada. Não há dinheiro que chegue. Não há farinha que chegue. O que é que chega e sobra? Pobreza e miséria.

Havemos de fazer mais para ajudar. Falo desta maneira para partilhar con-

Continua na página 4

PASSO A PASSO

Os nossos laços resultam de um convite na vivência de cada dia

O Tiago teve visita da mãe. Depois da despedida, sentou-se a um canto remoendo um sentimento de abandono. Apercebendo-me, junto-me a ele e meto conversa. Depois de breve diálogo, em que só obtenho respostas monossilábicas, faço uma pausa.

Sua mãe deixara-lhe um par de sapatilhas novas: — *São para ele calçar quando vier visitá-lo!*, dissera. O Tiago segura-as na mão enquanto o seu pensamento vagueava talvez à procura de um sentido para a sua situação.

Agora é o Tiago que mete conversa: — *Então os do segundo turno já vieram?* Tinha dado o salto, regressando à realidade.

Aqui é de facto a sua família. É aqui que ele tem de ser e não vagueando por uma família ilusória.

— Bem, vou continuar o meu trabalho!, digo enquanto sigo para o escritório.

Não passa um minuto e já ele está à porta puxando conversa...

Passam-se alguns instantes e, necessitando de resolver assunto, dirijo-me para a porta e convidoo a sair. — *Então não levas as sapatilhas?* Sem olhar para a saca que as contém e sem dar resposta, sai também.

Não creio que as dúvidas do Tiago tenham ficado resolvidas. Aliás, na vida, nada está definitivamente resolvido. Haverá sempre escolhas a fazer. Mas de que valerá estarmos a dar prioridade a uma família de sangue que não existe, desvalorizando uma adoptiva que é família?

O Miguel, já aqui dado a conhecer, voltou para a mãe que no-lo veio arrebatá-lo. Assim como o deixara da última vez, assim o levou. O Miguel continua a ser jogado como bola de *ping-pong*. É já uma criança de grande instabilidade emocional. Entrou e saiu em nossa comunidade por duas vezes. Certamente não haverá terceira. Quem sabe?

Desconfiei da intenção da mãe já com ele fora de portas. Ainda procurei confirmar a situação. A mãe fez valer as suas prerrogativas biológicas; e o filho, embora tendo já sofrido tanta rejeição, quis ir com ela...

O Tiago também faria o mesmo se a sua mãe o quisesse levar — voz do sangue, voz do coração!

Nós aceitamos e sofremos esta inclinação natural. Os nossos laços resultam de um convite na vivência de cada dia. Ninguém está obrigado, só nós estamos — como na parábola do filho pródigo.

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ACIDENTES DE TRABALHO — Fomos abordados por um jovem casal porque o homem fora vítima de grave acidente na construção civil; e como a entidade patronal não fazia descontos — *Taxa Social Única e Seguros* — o pobre moço sofre agora as consequências.

Quando recebeu alta da unidade hospitalar já não tinha quê, com a agravante duma ordem de despejo emitida pelo senhorio por falta de pagamento das rendas da casita onde vivia.

Não dormirão na rua! Ocupam já uma habitação do Património dos Pobres e vão assinar uma declaração que obrigará o casal a devolvê-la se, entretanto, melhorar a sua situação económica.

Como os vicentinos são pau para toda a colher, o caso vertente daria para nos alongarmos — visto que os mais pobres é que sofrem...!

PARTILHA — Abre a *procição* a assinante 63041, de Fornos de Algodres, com o «pequeno óbolo de cinco mil escudos que já deveria ter mandado mais cedo. É um pouco da minha pensão. O GAIATO toca nas consciências... Não precisam de agradecer. Deus sabe quem o dá e como o dá».

Serviu de alívio à *Taxa Social Única* dum pobre trabalhador rural que paga oito mil e tal escudos por mês.

Cinco mil, em cheque, do assinante 11282, de Oliveira do Douro — Vila Nova de Gaia, destinados «à Mãe aflita» a que se reportam na edição de 1 de Agosto, e com os olhos postos em magníficos pensamentos de Raoul Follereau, Albert Camus e Padre Américo».

Casal-assinante 19148, do Porto:

«Estamos presentes com pequenina oferta (dez mil escudos) destinada às aflições com a farmácia dos vossos Pobres. Também, em acção de graças por uma graça especial recebida sob a invocação do Divino Espírito Santo.»

Idem, da assinante 11856, também da Capital do Norte. Ovar, 2.500\$00 do assinante 42971, que aparece mensalmente amenizando as dificuldades dos «mais necessitados e envergonhados». Um remanescente de contas com O GAIATO, da assinante 25341, de Cova da Piedade.

A assinante 31104, de Lisboa, fecha a *procição* com a generosidade de sempre:

«Não esqueço a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e remeto o cheque habitual. Que Deus ajude e alivie os que precisam, nos seus sofrimentos. Vidas penosas, santo Deus! A única coisa que me conforta,

nó meio da solidão, é ajudar — o que faço sempre por alma dos meus familiares.»

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — As grandes obras já acabaram. Estamos a construir muros que ladeiam a futura rua que a Câmara prometeu, mas, até agora, ainda nada.

«O GAIATO» NAS PRAIAS — No Verão, costumamos distribuir o nosso Jornal nas praias a sul de nossa Casa.

Em Monte Real, despachamos 200 ou mais: Pedrógão, onde ficam 100. Depois, na Praia de Vieira, 170. S. Pedro de Moel, 180. Mais uma corrida e ficam dois gaiatos na Nazaré onde despacham 220. Por fim, em S. Martinho do Porto, 270.

Por todas as terras temos Amigos que nos recebem muito bem e enchem de carinhos.

Regressamos a Casa ao fim do dia, animados. Para acabar, damos uns mergulhos na piscina para refrescar as ideias.

AGRICULTURA — Continuamos a regar o milho com cuidado, pois agora está a espigar e o grão é muito bom para a ração dos animais.

O Gonçalo tem cuidado com o feijão, o cebolo e as couves.

PEDIDO — Gostaríamos que nos oferecessem um bom computador porque no próximo ano lectivo teremos dois rapazes no 10.º. Um, irá para Humanidades; o outro, para Arquitectura.

Em Casa temos alguns, mas só servem para a malta se divertir. Agradecemos.

Domingos Zaire

PRAIA DE MIRA

CASA DA PRAIA — A vida começa na segunda quinzena de Junho com um grupo de idosos, do Lar de S. José, da Covilhã. Eles gostam de vir todos os anos; e, se pudessem ficar mais tempo do que o normal, gostariam imenso.

Em Julho e na primeira quinzena de Agosto, estamos nós, gaiatos, em vários turnos, começando pelos mais pequenos e terminando nos mais velhos.

Gostámos muito das férias que aqui passámos. Jogámos à

bola, «furámos» ondas, fizemos castelos de areia, apanhámos banhos de sol e, principalmente, pudemos descansar.

No fim de Agosto cedemos a casa às crianças pobres de Anadia. Trazem um grande grupo e por cá se governam. Portam-se sempre muito bem e também apreciam estar por cá.

Em Setembro, ocupam a moradia as crianças da Casa do Menino Jesus, da Covilhã.

Ficamos contentes por ver a habitação servir a outros Pobres e Idosos que não teriam onde passar férias.

DESPENSA — Somos bem tratados. A despensa está sempre composta pelos amigos que trazem coisas boas: batatas, hortaliça, frutos, ovos, tomate e o mais que nos traz uma Amiga de Eiról.

Somos visitados, ainda, por amigos da terra do nosso Padre Horácio que fica contente por receber pessoas que não via há muito tempo e pelas ofertas que nos trazem.

João «Pequeno»

PAÇO DE SOUSA

AZURARA — O segundo turno já regressou das divertidíssimas e merecidas férias na praia.

Começou logo o terceiro. Desejamos boas férias aos nossos companheiros.

VACARIA — Agora nem se devia chamar vacaria porque o gado foi abatido, devido a uma doença contagiosa: a «doença das vacas loucas».

CONTENTOR — Carregámos mais um para Benguela — Angola. Foram dias de muito trabalho para o encher, mas vale

RETALHOS DE VIDA

«Fisgas»

Eu sou o Filipe Manuel da Conceição Santos.

Aqui, na Casa do Gaiato, tratam-me por «Fisgas».

Nasci a 9 de Setembro de 1985, numa freguesia do concelho de Santarém.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, em 23 de Abril de 1997, porque não tinha mãe nem pai e fugia à escola... O meu tio bebia um bocado e ralhava muito. Era uma vida triste!

Frequento já o 6.º ano, na Telescola. E quero continuar os estudos.



Filipe Santos

bem a pena distribuir coisas pelos nossos irmãos de África.

VISITAS — Estiveram, por cá, acampados, dezenas de escuteiros. Passaram aqui cinco dias e fizeram muitas amizades. No último dia, até houve quem chorasse pelos cantos! Alguns bem tentaram disfarçar, mas a emoção era tanta que acabaram por chorar também.

Ilídio e «Bonga»

TOJAL

COLHEITAS — Para além da batata e do feno também recolhemos o milho, apesar de não ser muito. Temos ainda o tomate que servirá para bons refogados; e o feijão verde cresce que é uma maravilha.

um bom passatempo para os recreios, após a merenda.

Como o calor tem sido forte, temos ainda a oportunidade de dar um mergulho, rápido, antes do almoço, o que sabe muito bem.

PORCOS — É um regalo ver as pocilgas completamente cheias de bons porcos e leitões — que se não via, há alguns anos.

Arnaldo Santos

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

DÍVIDA SALDADA — Damos conhecimento do maravilhoso resultado obtido com o nosso apelo na edição de 6 de Junho. Abundantes dádivas que aliviarão rapidamente o compromisso assumido com a compra da casa para o associado Miguel e a família, em extrema necessidade.

Graças a Deus, com a pronta e generosa colaboração do Património dos Pobres, a dívida está saldada; fizemos as obras indispensáveis na casa e o Miguel e a família estão instalados em habitação condigna.

Ficámos sensibilizados com tão nobres gestos, e grande generosidade e adesão ao nosso apelo.

Damos a feliz notícia de que já foi lavrada a escritura da casa em nome do Miguel.

Confiamos na Providência de Deus e na caridade dos Amigos da nossa Obra.

Pedimos desculpa por não terem sido movimentados, de imediato, os cheques que nos enviaram. Os elementos da Direcção residem em Coimbra. Só recebemos correspondência quando um deles vai a Miranda do Corvo.

DONATIVOS — Ofertório da Eucaristia do nosso Encontro Anual; colecta dos associados; e de vários contributos enviados para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, 331.135\$00.

Agora a enxurrada de donativos vindos de toda a parte onde há um Leitor d'O GAIATO com olhos de ver e coração para responder. O espaço não dá para nomear todos e cada um, mas a soma dos seus gestos fraternos exprime-se por este número: 640 contos.

Alguns fizeram acompanhar o seu dom de legendas que não resistimos a publicar. Eis algumas delas:

«... Fizeram muito bem em aventurar-se. Tem de se dar o primeiro passo com coragem.»

«... Desejo que esta vossa acção tenha efectivamente continuidade.»

«... Não podendo ficar indiferente à situação ali descrita,



Durante um passeio dos «Batatinhas»

O nosso telefone

É alvo de muitas queixas. À semana, durante as horas ditas de expediente, funciona regularmente porque a recepção é no escritório do Jornal onde há gente e até um arremedo de telefonista. O pior é depois... A malta deserta: neste tempo de Verão para a piscina; em tempo de aulas para o estudo e um pequenino recreio antes do Terço. Nesta altura toda a comunidade se reúne para a oração da tarde... e o telefone bem pode tocar que não há quem o atenda. Além disto as horas das refeições que muitos sabem ser tempo próprio para os encontros e é uma saturação de chamadas.

Não há dúvida que o telefone, para connosco, não é o melhor meio de comunicação. O fax é muito mais eficiente; até porque o recado fica escrito e não se perde nos portadores orais que a maior parte das vezes se esquecem de o transmitir.

Até aqui falo das conversas a sério. É que, para além delas, há a enxurrada das meninas a perguntar pelo fulano e pelo cicrano e pelo beltrano, que impedem o acesso à linha a quem precisava dela para comunicar coisas mais importantes. Eu penso que haverá numerosos pais que, ou não prestam atenção à conta das chamadas ou, se sim, se interrogarão sobre a quantidade

de delas sem atinar com a explicação. Pois pode ser que ela esteja nos telefones das filhas (e também dos filhos...) feitos à revelia. Mais: outro dia, pela distração de um dos nossos, demos conta de outra modalidade: uma ou outra, de combinação com o seu correspondente, que estaria a postos para atender ele o telefonema naquela hora, pedia chamada a pagar no destino e o moço, agora à nossa revelia, claro que dava luz verde ao telefonema.

São aventuras, com alguma ingenuidade pelo meio, que, até, também nos fazem sorrir, mas que indicam uma viragem de estratégias: Antigamente eram os pais delas que tinham de defendê-las das ousadias deles; agora somos nós que temos de defendê-los delas... e não só.

Este não só, refere-se exactamente ao afrouxamento do cuidado delas que compete aos pais.

Sempre foi, e será, no relacionamento normal, e até saudável, entre rapazes e raparigas, a fase do *namorico*, que passa como névoa matinal em dia solheiro ou dará em *namoro*; e este evoluirá para uma separação amigável ou para o *noivado*. Todas estas fases requerem a atenção dos pais deles e delas, mas com a valorização e o tratamento adequado a cada uma delas.

Ao *namorico* não é de dar muita confiança nem muitas facilidades, mas respeita-se como primeiro de-

grau de uma escada a subir.

O *namoro*, na medida em que se trate de uma procura séria em ordem a uma opção para a vida, sim senhor, é devido que comece a envolver os pais deles e delas.

Do *noivado*, nem se duvida: é uma situação que já pertence às famílias de ambos, que as relaciona também em função dos filhos.

Assim se preparam famílias felizes, se fundamenta a estabilidade delas; assim famílias sãs *geram* famílias sãs. Nós somos uma grande e já velha Família, de onde saíram centenas delas. Falamos do que aprendemos, de boas e de más experiências, ao longo de quase sessenta anos. Graças a Deus a maioria absoluta foi de boas experiências. Mas também as tivemos más, as vamos tendo... Por isso nos aflige a confusão, em riscos de generalizar-se, sobre estes estádios de relacionamento entre rapazes e raparigas e a facilitação de intimidades na fase do *namorico* quando o tempo não deu ainda para o amadurecimento das personalidades de cada um, menos o do conhecimento mútuo que há-de estruturar a opção definitiva.

Riscos da juventude, em que, como em quase todas as áreas onde o terreno é movediço, são os adultos os mais responsáveis.

Aonde me trouxe o nosso telefone!

Padre Carlos

DOCTRINA



A Casa do Gaiato é santuário de almas

TOMO a liberdade de apresentar aos leitores amigos o nosso Pepe, tão conhecido e amado. O pequenino nómada é triste e silencioso. A tristeza dele não é de maneira nenhuma feita de melancolia, mas sim de saudades — saudade dos pais, saudade da Pátria, saudade de um irmão mais novo de quem se apartou no dia da tragédia, para sempre!

— *Só dei fé que estava fora de Espanha quando pedia pão e não me compreendiam!* Esta palavra, filha do sentir dos corações, a que os portugueses chamam saudade, é a causa verdadeira das lágrimas do nosso Pepe; não é melancolia.

HÁ tempos, chegou a esta Casa do Gaiato um pequenino de quatro anos, de Odemira; é o nosso Augusto. Tomou lugar à mesa junto dos mais. O Pepe fixa-o curiosamente com os olhos. Olhos afeitos a chorar, têm visões misteriosas que são segredos da alma. Levanta-se do seu lugar e traz o pequenino para junto de si. Coloca-lhe o guardanapo ao peito, ajeita-lhe o corpo à mesa, serve-lhe o caldo com suas próprias mãos, silenciosamente. Não se diz nada por haver transgredido a disciplina, não; que a Casa do Gaiato é santuário de almas. Naquele dia, o Pepe foi visto algumas vezes a levantar os olhos do trabalho, mirar o Augusto e ir até junto do pequenino, acariciar. Ninguém se atreve a chamá-lo à ordem, ninguém; que a ordem da Casa é justamente fomentar e respeitar as nobres qualidades dos seus felizes habitantes. Vem a hora da ceia, repete-se o mesmo. No final das orações da mesa, presididas pelo da semana, Pepe lava os pés do pequeno, toma-o nos braços e vai

deitá-lo. Eu fui espreitar. Pepe estava sentado à cabeceira da cama, raso de lágrimas, a adormecer o menino.

— Porque choras, Pepe?

— O meu irmão era assim!

Quem sabe se o seu irmão pequenino virá um dia ter aqui? Quem conduziu um, pode muito bem conduzir o outro!

HOJE mesmo, leitor querido, sem dinheiro em cofre nem saber de onde ele venha, lancei os fundamentos de um novo pavilhão para receber mais trinta gaiatos. Já andam a cortar a pedra. Não somente as grandes nações nem os grandes homens; eu, também, me estou preparando para a Paz! O estrago dos incêndios só se nota nos rescaldos. Eu não leio nem faço nem escuto discursos, que o tempo não me dá para tanto. Caminho, apaixonado. Perdemos com eles horas preciosas a ensinar o Mundo como se há-de fazer — sem fazer; e os outros vêem — e fazem! Há uma senhora de Lisboa, *cruel* porque esconde o nome, que manda ao Pepe, de vez em quando, pacotes de coisas. O último era de amêndoas e bolos dentro de um pijama. Pepe divide pelos mais e estes fazem na mesma aquilo que se lhes dá.

HÁ dias, houve um jantar na Casa. Cada um teve um dedal de vinho, dentro da sua caneca. Quando a gente deu por ela, o Pepe tinha o vinho todo, de todos, dentro da sua!

— Ó rapaz, que te embriagas!

— Foram os chicos!

O meu Pepe é fonte de simpatias, motivo de piedade, pedra angular do santuário; e vai fazer a sua Comunhão na Pascoela, à moda dos primeiros tempos da Igreja, depois de condicionalmente baptizado. Se quiseres tomar parte na festa, marca lugar. Talvez por menor causa e com maior dispêndio, hajas marcado no Aviz ou Estoril, na festa de vedetas e estrelas... cadentes e caídas!

Padre Carlos

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

junto um cheque para de algum modo minorar o vosso compromisso...»

«... Eu é que agradeço pela felicidade que me destes, com este gesto tão fraterno.»

«... Desculpem ser pouco, mas é impossível tirar mais da minha pensão de reforma.»

Estas, associam à generosidade para com o Miguel, intenções de piedade familiar:

«Migalha que ofereço a Deus por alma de uma tia muito querida.»

«Peço uma oração pelo meu filho.»

«... Com uma intenção muito particular: a alma de minha filha... Estou aqui longe (na Alemanha), mas sempre ligado a vós.»

Outra: «Após ter lido O GAIATO fiquei sensibilizado...» — e fez campanha, reunindo ao seu dom mais vinte e sete contos.

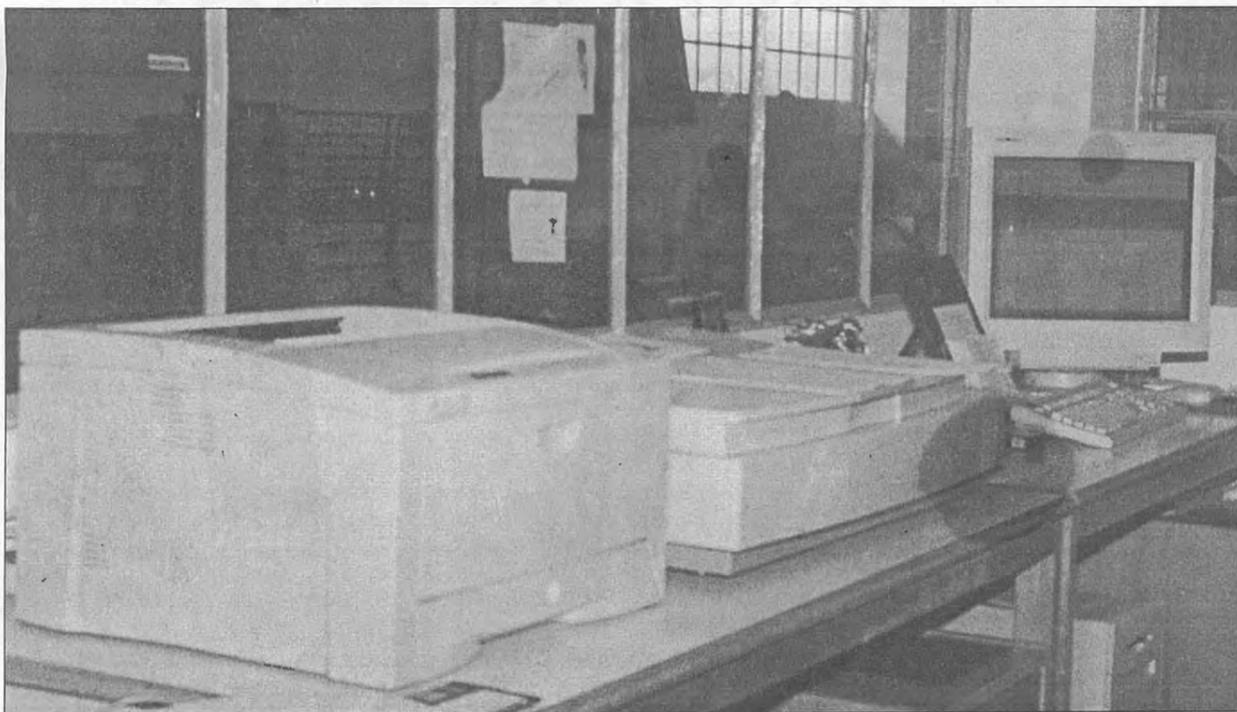
Em todos é constante a preocupação evangélica de que *não saiba a mão esquerda o que faz a direita*: «Peço o favor de não publicarem o meu nome.»

Deus seja louvado pela generosidade do Seu povo que atingiu 1.661.135\$00. Que Ele a todos recompense com a Sua medida.

A nossa gratidão.

José Martins

Novo equipamento



Os Rotários do Distrito 1970, com seu Governador à cabeça, ofereceram à nossa oficina gráfica um novo equipamento de fotocomposição — computador, *scanner*, impressora e respectivo *software* — visto que, em função do nosso Jornal e das obras da Editorial, sentíamos necessidade de substituir o material usado por outro mais actual.

Curiosamente, no domínio da Informática, o progresso é espantoso, diariamente, em todo o sentido!

Em vários encontros expressámos, pessoalmente, a nossa gratidão aos Rotários do Distrito 1970, por esta acção na linha filosófica do movimento rotário.

Após os necessários testes, a presente edição d'O GAIATO foi já composta e paginada no equipamento oferecido, obviamente com bons resultados.

Júlio Mendes

ENCONTROS em Lisboa

Reflexão

COM o Verão quase passado, dei comigo a pensar no que dele ficou gravado em mim, para além da sensação de calor que todos desejamos, mas que logo que chega vamos comentando uns com os outros «que calor!», quase parecendo que estamos aborrecidos.

Ficou-me uma sensação de pressa, tudo a correr, sem tempo para Deus e para os Outros, desejando, nalguns dias, ficar mais velho um pouco porque o cansaço me obrigava a pedir que o dia passasse mais depressa. Terá valido a pena tanta correria? É aquela preocupação de que nada falte em lado nenhum! A incapacidade de discernir o que é importante e menos importante! O tornarmo-nos imprescindíveis! O não sermos capazes de partilhar responsabilidades e dividir melhor as tarefas do barco! Mas também, por vezes, a sensação de nos encontrarmos sós!

Enquanto o tempo passa e nós corremos, vamos perdendo pérolas pelo caminho. Com efeito, deixei que na minha mente passassem todos os miúdos que Deus me confiou. Fui-me perguntando que aproximações eles me fizeram durante todo este tempo. Fiquei com muitas interrogações sobre muitas das frases soltas que o tempo não deixou aprofundar e, se calhar, nunca mais teremos a oportunidade.

O Tiago está em nossa Casa há nove meses, tem dez anos. Na véspera da

partida para férias confienciava-me: — *Eu nunca fui à praia nem tive férias!*

Querida continuar a conversar. Não tive tempo. A pressa fez com que eu não continuasse a escutar o Tiago a sonhar. Que cores teria o seu sonho? Qual a música que chegava aos seus ouvidos? Quais as palavras que iriam dizer o sonho? Perdi uma bela ocasião de saber mais. Ele talvez tenha perdido a ocasião de continuar o seu sonho porque não facilitei nem fui suporte. Ficámos os dois mais pobres.

Cheio de constantes indecisões, o João, nos seus dezasseis anos, nunca sabe bem o que quer. De manhã anuncia uma coisa, ao meio-dia promete outra e à noite já lhe aparecem as coisas de outra maneira.

Sempre admirei nele o entusiasmo com que se lança em certas aventuras, jogando o tudo por tudo e sempre preocupado com os outros. Talvez, crescendo com muitos vazios, quando vislumbra um sonho, lança-se nele com todo o entusiasmo, mas não aceita o mínimo de contrariedades. Se algo não vai bem como ele idealizou logo dá o dito por não dito... Este Verão, as férias constituíram para ele um motivo de sonhos e constantes desilusões. Ora queria ir, ora dizia que mais valia ficar em Casa. Ora era o chefe deste ou daquele grupo, ora era este ou aquele elemento com quem se dava ou não se dava. Também constituía preocupação se um colega ia ou não ia no seu grupo... Não tive tempo para conversar com ele. Fui-me limitando a ouvir as suas

mudanças de humor. Não houve o mínimo diálogo. Ocasão perdida para ele porque não amadureceu um pouco mais os seus desejos e as formas de sociabilidade entre os homens. Ocasão perdida para mim porque vou continuar a ver o João a crescer sem pontos de referência sólidos...

No final da minha reflexão, também a correr, olhei para o Céu e sonhei com menos agitação. Se calhar, o meu tanto correr prendeu-se com o não ter ninguém que me diga para parar um pouco. Veio-me à lembrança Charles de Foucauld. Sonhou, uma vida inteira, fundar uma ordem religiosa e ter irmãos. Morreu só, com as normas e regras todas feitas...

Não gostaria de uma solidão tão grande...

Padre Manuel Cristóvão

PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO

«Continuem a espalhar o Bem!»

QUEM o afirma, é a assinante 51444, de Francelos: «*Continuem a espalhar o Bem!, através da vossa Editorial, d'O GAIATO que leio à moda dum exame de consciência.*»

Vede a que Alturas os nossos Amigos levam a Mensagem que Pai Américo legou, por amor de Deus, que só Ele é Tudo para todos!

Nesta linha, lembramos um Alentejano, o assinante 11755 que, há muitos anos, requisita muitas obras de Pai Américo para levar o Evangelho do Pobre pelo mundo fora: «*Com um abraço junto um cheque pedindo que me enviem, por troca, 33 livros 'Padre Américo-místico do nosso tempo'. Obrigado por tudo que vem de vós — e me faz feliz.*» Não somos dignos de tanta amizade!

Assinante 24801, da Invicta: «*Saudações fraternas. Faltava este livro com o título do que Padre Américo foi neste século XX. Não posso adormecer sem o ler. O tempo passa e ele nunca esteve tão presente no meio de nós...!*»

Assinante 28876, de Espinho: «*Comecei a ler o novo livro que, para mim, é uma grande ajuda na oração, na vida, muito mais no amor aos Pobres.*»

Quinta do Conde, assinante 9993: «*Perdoem não ter já dado sinal de vida pelo precioso livro que mandaram. A bibliografia de Pai Américo é sempre motivo de meditação e exame de consciência, nestes tempos conturbados.*»

Dafundo — Lisboa, assinante 26664: «*Ainda não terminei de ler o 'Padre Américo-místico do nosso tempo'. É para saborear um bocadinho todos os dias. Nesta vida agitada, de correria, que levamos, faz bem parar um bocadinho para reflectir...*»

Mais presbíteros, na procissão. O assinante 20543, de Guimarães, pesaroso por estar esgotado o 3.º volume do *Pão dos Pobres*. A quarta edição desta obra está quase pronta a entrar na máquina. De facto, muita gente espera que ela saia porque faz parte da primeira colecção escrita por Pai Américo!

Assinante 41182, de Vila Nova de Gaia: «*Ao deitar, leio um bocadinho do livro sobre o Padre Américo. No meu caso, serve de profunda meditação. A inutilidade da minha vida percebe-se melhor quando comparada com uma vida cheia, onde a palavra amor foi conjugada e vivida em todos os modos e tempos. Que o Padre Américo nos abençoe a todos e continue junto de Deus a valer pelos que continuaram e continuarão a viagem de amor por ele iniciada (aliás, bem dura...!) e que continua a dar frutos na comunhão dos Excluídos, dos Pequeninos, dos que não têm voz.*»

Há um monte de cartas dos Leitores à nossa frente...! Luz que não será para pôr debaixo do alqueire!

Júlio Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES

A grande alegria de ter casa sua

ESTA pobre mulher já há muito pedia aos vicentinos: — *Arranjem-me uma casinha...!*

Com o falecimento do casal que vivia numa casa do Património dos Pobres, a habitação ficou livre. Apareceram muitos pretendentes com ofertas valiosas. Aquela casa, no cimo do Cabeço, ampla e com horizontes encantadores, proporciona-se para fins-de-semana e férias de quem as possa ter.

Mas foi aquela mulher a preferida. Ela tem sofrido uma vida de martírio pela doença, para ganhar o pão de cada dia. Martírio pelo modo de ser do marido.

Ela quis comprar a casa, vendida por preço moderado como faz o Património dos Pobres. Com grande esforço, a fazer limpeza em várias residências, tem esperança de conseguir o preço ajustado, com muita alegria.

Os mais responsáveis pelo Património dos Pobres têm sido incansáveis no esforço feito para que a habitação fique ainda mais airosa e com as condições indispensáveis: instalação eléctrica, pinturas, instalação de água. A limpeza do poço, depósito e respectivo motor de abastecimento.

A nova dona tem aproveitado os momentos livres para a limpeza dos terrenos circundantes, de enxada na mão. Com a alegria estampada no rosto vai proclamando: — *A maior riqueza que Deus nos pode dar são os filhos e uma casinha para habitar. E essa riqueza já Deus ma deu.*

Esta grande verdade proclamada por esta mulher tem o sentimento mais nobre que se pode alcançar e deve ser esta a grande aspiração de todos os homens: Ter filhos e uma habitação própria, ainda que isso exija muito sacrifício. Há famílias sem tecto porque lhes falta iniciativa e vontade. O esforço desta mulher para ter casa própria levou-a a sentir esta alegria.

Temos admirado o esforço dos homens mais responsáveis pelo Património dos Pobres desta Vila. As maravilhas que têm operado na aquisição, restauro e conservação de habitações e o acompanhamento da vida dos Pobres. O que podiam fazer muitos «Patrimónios» locais se os seus elementos tomassem a sério, com consciência, a sua missão de bem-fazer!... Estes são os desafios. Correspondam.

Padre Horácio

Benguela

Continuação da página 1

vosco o peso que nos toca levar. Não é desânimo, não. Situados na linha deste horizonte, se temos andado de mãos dadas convosco, é necessário continuar. Estamos a trabalhar. A sementeira de mais valor que julgamos estar a fazer é pôr os rapazes a desenvolver os seus talentos, trabalhando conforme as suas capacidades. Falo assim, porque vejo uma paralisia impressionante, a nível geral. E pode-se fazer imensamente mais na área social e produtiva.

É um serviço lento, a pedir muita paciência, porque é remar contra a maré. Reconstruir custa mais do que construir de raiz. O que há a fazer é uma autêntica reconstrução. Há mês e meio que estamos sem aulas, por causa da greve dos professores. Vive-se uma situação complicada, com incidência muito forte nas crianças que encham as praças e ruas. À hora em que estas notas poissarem em vossas mãos, espero ter a alegria de ver as salas da escola ocupadas e as aulas a funcionar.

Padre Manuel António



Casa airosa, com horizontes.